



DIAGNOSE DO OÍDIO DO IPÊ AMARELO DE OCORRÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SANTARÉM, REGIÃO OESTE DO PARÁ

Stéfani Dos Santos Leite¹ e Robinson Severo²

Plantas ornamentais de ipê amarelo (*Tabebuia* sp.), com aproximadamente quatro anos de idade, cultivadas no Campus Tapajós da UFOPA, município de Santarém, região oeste do estado do Pará, apresentavam a superfície de folhas e hastes cobertas por uma massa pulverulenta branca e eflorescente, principalmente na face adaxial das folhas. Este trabalho objetivou realizar a diagnose científica campal e laboratorial das plantas sintomáticas de ipê amarelo. Inicialmente, a nível de campo, durante três meses, quatro plantas foram observadas e fotografadas quanto a apresentação e evolução de seus sintomas e sinais. Ao final deste período, quatro amostras de 10 folhas, coletadas de quatro plantas diferentes, foram encaminhadas ao laboratório de fitopatologia do Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF) para a continuidade dos procedimentos de diagnose. A partir das mesmas amostras coletadas, sintomas e sinais da doença foram examinados em estereomicroscópio comum Nova ZTX-E e microscópio comum Diagtech XJS900T-PH. Preparações microscópicas das estruturas somáticas do patógeno, em água ou azul de algodão, foram feitas de massas pulverulentas, com o auxílio de agulha histológica e de estereomicroscópio. Logo após, estas foram visualizadas em microscópio. Os sintomas e sinais levantados da doença, tanto a campo como em laboratório, foram registrados fotograficamente com uma câmera digital e comparados com a literatura especializada. Sob estereomicroscópio, constatou-se que as massas pulverulentas brancas e eflorescentes, correspondiam a colônias de micélio constituído de conidióforos e conídios que, com o avançar da doença, coalesciam e chegavam a alcançar todo o limbo foliar. As mesmas ocorreram com maior frequência na face adaxial das folhas. Apenas em uma planta, exibindo maior intensidade da doença, as colônias foram observadas na face abaxial das folhas e hastes. Quando o micélio recobria todo o limbo foliar, com o passar do tempo, passavam a amarelecê-lo e necrosá-lo em suas pontas. Os conidióforos apresentavam-se solteiros, não ramificados, mais ou menos cilíndricos e hialinos. Os conídios mostravam-se ligeiramente retangulares a ovalados, hialinos, unicelulares, e eram produzidos em cadeias basípetas. Concluiu-se que a doença em estudo refere-se ao oídio do ipê amarelo causado por *Oidium* sp.

Palavras-chave: diagnose; ipê amarelo; oídio; *Oidium* sp.; Santarém-PA.

¹Acadêmica do Curso de Bacharelado em Agronomia. Bolsista PIBIC/FAPESPA. IBEF. UFOPA. E-mail: stefanileite13@gmail.com.

²Doutor em Fitopatologia. Docente, pesquisador e extensionista do IBEF/UFOPA. Coordenador do LFT. E-mail: brssevero@gmail.com